

EDUCAÇÃO

Qui, 11/Set/2014 • 19h

Analfabetismo funcional: Professora fala sobre alternativas para erradicação

Palestra foi ministrada durante o II Seminário de Pesquisas em Linguística: Língua e Cognição da UFFS

Por Patrícia Duarte

Tweetar 0

Recomendar 0



(<http://www.chapecomais.com.br/web-files/uploads/noticias/5dff79db905bb5706d79.jpg>)

Para a professora a situação do analfabetismo funcional no Brasil é grave (Foto: UFFS/Divulgação)

O II Seminário de Pesquisas em Linguística: Língua e Cognição, promovido pela linha 3 do Mestrado em Estudos Linguísticos da UFFS – Campus Chapecó, de segunda-feira (8) a quarta-feira (10), teve a presença de um nome internacional: a professora emérita da UFSC, Leonor Sciar-Cabral. Leonor tem se dedicado intensamente à pesquisa e aos estudos visando à erradicação do

analfabetismo funcional (resumidamente, quando o indivíduo não consegue compreender o que lê). Doutora em Linguística pela USP e pós-doutora na subárea de Psicolinguística pela Universidade de Montreal, Leonor é presidente de honra da International Society of Applied Psycholinguistics.

Para a professora, pesquisadora do CNPq desde meados de 1970, a situação do analfabetismo funcional no Brasil é grave. Porém, ela não perde a esperança na reversão do cenário. Depois de décadas de estudo, criou o Método Sciar de Alfabetização, que contempla a formação de professores, os fundamentos para tal, os materiais para professores e estudantes e os roteiros de planos de aula que demonstram como aplicar cada unidade do sistema. Assim, em 2012 publicou "As Aventuras de Vivi", em 2013 o "Sistema Sciar de Alfabetização – Fundamentos", e prevê para 2014 os roteiros de planos de aula.

Em cursos, palestras e conferências no Brasil e exterior, a professora, aos 85 anos, vem disseminando sua proposta de método de "alfabetização para o letramento". Na entrevista, Leonor comenta alguns passos que considera necessários para erradicar o analfabetismo funcional no país.

A que a senhora atribui essa situação de analfabetismo funcional no Brasil?

Professora Leonor – Estamos realmente numa situação muito grave com relação ao analfabetismo funcional no Brasil. Quem realiza a pesquisa mais séria sobre o assunto é o Instituto Nacional do Alfabetismo Funcional (Inaf), que nos mostra que alfabetizados funcionais, que realmente compreendam os textos complexos que circulam socialmente, só temos 26% no Brasil. Temos quatro níveis de alfabetismo – o primeiro nível é daqueles que compreendem muito pouco. Como vivemos numa sociedade de informação, isso significa que a maior parte da população brasileira está excluída da sociedade da informação. Eu considero a maior exclusão social hoje.

Por que se chegou a esse nível?

Professora Leonor – Hoje, o problema maior não é daquele analfabeto total, porquanto a escola está aberta para todos os indivíduos nos anos iniciais. Mas o que está ocorrendo é que nesta fase inicial, que é onde se decide o destino do futuro leitor, nós nos defrontamos com um problema seríssimo, de que não foram preparados professores nem em quantidade e muito menos qualitativamente para atender à demanda dessa população que está ingressando na escola. Esses professores deveriam estar realmente muito bem preparados e os seus salários deveriam atrair os mais bem dotados para tal tarefa – o que não está acontecendo.

Há mais problemas para além dessa questão?

Professora Leonor – Além disso, houve uma distorção que atingiu as altas esferas que decidem sobre a Política Educacional no Brasil, advogando que não se necessitaria de método para alfabetizar e muito menos livros de alfabetização para criança. Ora, não existe ensino-aprendizagem sem livro, e muito menos quando se trata de alfabetizar, que é uma das aprendizagens mais difíceis que existe.

A falta de um método e de material didático adequado tem refletido diretamente na alfabetização dessa criança? Professora Leonor – Exatamente. Na verdade, os professores aplicam, sem dar o nome, um método – totalmente errado –, que é a alfabetização com a criança desenhando o próprio nome. Na verdade ela não está escrevendo. É a configuração, é o desenho que ela está memorizando. Se qualquer uma daquelas letras aparecer em uma outra palavra, ela não vai saber ler.

Para compreender um texto, a leitura tem que ser fluente. O resultado provisório do processamento, que é sequencial, fica arquivado numa memória que se chama “memória de trabalho”, que tem um espaço muito pequeno de detenção. Se ela não automatizou o reconhecimento dos traços que diferenciam as letras, não automatizou o valor que os grafemas têm, se ela foi alfabetizada pelo valor das letras ela vai ler assim: “é” (que por sinal houve uma coincidência entre o nome da letra e o valor que essa letra tem nesse contexto. Não é sempre assim), “erre” e “a”. Aí vai ler “erra”. No meio tempo que ela começou a ler “é”, “erre”, “a”, o resultado do “é” já foi para o espaço. Levou muito tempo para chegar no reconhecimento de toda a palavra. Aí ela não consegue reconhecer a palavra no tempo hábil para chegar à etapa mais importante, que é – depois do reconhecimento da palavra rapidinho – o sentido que ela tem ali.

Por onde começar a reverter o quadro?

Professora Leonor – O exemplo mais inspirador que temos da erradicação do analfabetismo funcional aconteceu num condado da Escócia, que apresentava o mais alto índice do Reino Unido. Em dez anos, eles erradicaram o analfabetismo funcional. Em primeiro lugar, é necessário que as autoridades responsáveis pela Política Educacional tracem efetivamente uma política correta de combate ao analfabetismo funcional e de sua erradicação. Essa política começa pela formação do pessoal envolvido com alfabetização, pela implantação de salários que atraiam as pessoas mais vocacionadas e mais preparadas para isso e – agora, preste atenção – a adoção de um método que tenha base científica. E esse método é o método fônico, o método fonêmico. O método Global não tem base científica nenhuma. Também faz parte a elaboração do material pedagógico, tanto para professor quanto para a criança, o acompanhamento em classes de reforço dos que apresentarem dificuldade de aprendizagem, e a mobilização da família e da comunidade.

A decisão política é bastante importante, portanto, na erradicação do analfabetismo funcional.

Professora Leonor – Você tocou no ponto. Evidentemente nós só poderemos formar cidadãos se eles compreenderem os textos que circulam socialmente para poder fazer uma leitura crítica. E se posicionar. Ou seja, envolve a questão da liberdade. A liberdade se define pela possibilidade de você fazer opções, a capacidade de escolher um acerto entre opções. Isso envolve uma questão política das mais sérias. Mas acontece que há uma série de forças que não está interessada que isso aconteça. Uma delas é manter o povo brasileiro a cabresto. Não é distribuindo esmola que vamos formar cidadãos conscientes. O caminho passa pelo letramento.